



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

A Filosofia na formação dos jornalistas

Gabriel Luciano FAGUNDES¹ e José Eugenio de O. MENEZES²

RESUMO

O texto relata pesquisa a respeito da relevância da Filosofia na formação do jornalista contemporâneo e problematiza a forma como o filosofar possibilita o processo de formação crítica para compreensão dos processos de comunicação. Para isso, está ancorado nas contribuições de Marcos Antônio Lorieri, que traz a importância dessa disciplina no Ensino Superior, e de Vilém Flusser, filósofo tcheco-brasileiro, que problematiza o *modus operandi* da comunicação com seu modelo de Escalada da Abstração, a subtração de espaços — dos tridimensionais aos nulodimensionais — nos processos de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Jornalismo; Filosofia; Lorieri; Flusser.

1. Introdução

Considerando que a busca pelo entendimento de si próprio e do mundo que nos circunscreve percorre a trajetória da história, podemos dizer que filosofar sempre foi uma necessidade humana. Noção essa que se torna ainda mais crível quando observamos que o aforismo do grego antigo “conhece-te a ti mesmo”, tradicionalmente atribuído a Sócrates (479 – 399 a.C.), inscrito na entrada do Templo de Apolo em Delfos, continua presente na contemporaneidade como máxima para o autoconhecimento e para o autodesenvolvimento.

Ou seja, a Filosofia é um campo de conhecimento que estimula a autonomia do pensamento e problematiza as formas de agir em sociedade. Um caminho no qual o homem deixa de ser indivíduo submisso

¹ Estudante do Curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero e pesquisador de Iniciação Científica no CIP — Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: gabriel.l.fagundesinfotech@gmail.com

² Doutor pela Universidade de São Paulo e docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Orientador da pesquisa de iniciação científica de Gabriel Luciano Fagundes, em desenvolvimento no Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura do Ouvir. E-mail: jeomenezes@casperlibero.edu.br

³ A primeira versão deste artigo foi publicada no 10º Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJor), em 6 de novembro de 2020.



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

— ser que age conforme os anseios de outrem —, para ser sujeito da própria história. Um processo que também possibilita a independência dos grilhões da “servidão voluntária”, nos dizeres do filósofo francês Étienne de La Boétie (1530 –1563).

Outra referência para compreender essa problemática é a “Alegoria da Caverna”, que encontramos na obra *A República* do filósofo grego Platão (428 a.C.-347 a.C.). Isso porque a mensagem que conseguimos extrair da alegoria proposta por Sócrates a Glauco é o ensinamento de que enquanto formos prisioneiros de nossas próprias cavernas, seremos involuntariamente guiados pelas sombras das ações alheias, coadjuvantes do espetáculo da existência dos outros. Entretanto, quando ocorre a liberdade do cativo físico ou mental, nosso comportamento imediatamente recebe um novo enredo: o de ser emancipado da pequenez *sui generis*, e o da possibilidade de ser protagonista da história.

Dito isso, constata-se que para melhor existir o ser humano precisa agir *motu proprio*, com observações permanentes. Senão, poderá ser objeto de instrumentalização de terceiros; e a Filosofia vem para questionar essa possibilidade.

No contexto histórico em que o mercado jornalístico teve de acompanhar as novas configurações comunicacionais, isto é, a exigência por escrever e publicar notícias e reportagens no “instante-já” — ininterruptamente para alguns veículos —, com frequência ocorre à redução da particular e necessária reflexão a respeito do conteúdo produzido. O progressivo esvaziamento da análise que nos tira da “caverna”.

Diante disso, estudamos a importância dessa disciplina no Ensino Superior sob o olhar do filósofo Marcos Antônio Lorieri e do filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser (1920 – 1991). Buscamos compreender como o pensamento filosófico integra o currículo pedagógico do Jornalismo e como nos ajuda a conhecer o atual *modus operandi* da comunicação a partir de pesquisa bibliográfica.

2. A Filosofia no Ensino Superior

O filósofo e educador Marcos Antônio Lorieri, no artigo *Filosofia e Formação no Ensino Superior*, discorre sobre a importância da Filosofia para o coletivo, visto que ela é a responsável por criar os diversos sentidos e significados para as nossas ações. Isso significa que quando pensamos na ética, na comunicação,



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

na política, nas artes e na História, falamos justamente das noções filosóficas que foram irradiadas para outras searas do conhecimento, que se capilarizaram e exerceram, respectivamente, suas influências no corpo social.

E esse é o fator que explicita a impossibilidade de se manter isento da Filosofia e do próprio filosofar: ou optamos por refletir, ou uma determinada reflexão acaba sendo imposta por uma ideologia de forma persuasiva.

Ou as pessoas fazem esta análise e decidem se querem, ou não, tal 'filosofia', ou outra, (seria possível não querer nenhuma?), ou elas a receberão "dada" por uma imposição nada clara: a imposição possibilitada pela força da persuasão publicitária — ideológica e possibilitada, mais ainda, pela falta de condições de análise filosófica à qual as pessoas são condenadas (LORIERI, 2010, p. 48).

Em outras palavras: apesar de a Filosofia ter se espreado por diversos campos, observamos, ainda, como poucos cidadãos têm o direito de pensar e questionar o contexto em que vivem; o que consoma a sobreposição dos ideais dos agentes formadores de opiniões perante a população. E esta, possuindo limitado repertório que lhe sirva de contestação, de escudo, muitas vezes acaba sendo revestida com antolhos e cabresto por domadores da mente.

Prática que pode ser problematizada com o cultivo do estudo da Filosofia entre os jovens universitários de todas as formações acadêmicas, sem exceção. Lorieri considera que não se deve restringir o ensino dessa disciplina a uma graduação específica, ancorado na perspectiva de Antonio Joaquim Severino, filósofo que considera a filosofia "uma exigência do processo formativo em geral e não de uma formação específica, em particular" (SEVERINO *apud* LORIERI, 2001, p. 47).

Dado que somente com essa inclusão é possibilitada a desenvoltura das "sensibilidades" filosóficas (ética, antropologia, estética, política e epistêmica), que são extremamente essenciais e salutares para o progresso humanístico e lógico de todas as profissões. Como exemplo, Lorieri cita o engenheiro, o médico, o advogado e os educadores, para evidenciar que todos necessitam do pensamento analítico, da Filosofia, nas suas atuações.

E para que existam cidadãos/profissionais com essas "sensibilidades", cabe às universidades proporcionar aos seus estudantes uma formação que não se restrinja somente à formação técnica — a instrução pela instrução de caráter limitado às práticas profissionais. Posto que os estudantes jamais serão apenas técnicos: terão que atuar como indivíduos que se expressam politicamente, esteticamente, antropologicamente, epistemologicamente e eticamente.



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

Entretanto, ao não se efetivar o triunfo da observação consciente no Ensino Superior, as universidades poderão perder o seu principal objetivo: o de formar cidadãos com autonomia de pensamento. O que culmina no fator colocado pela filósofa alemã Hannah Arendt, na obra *A vida do espírito*: “Uma vida sem pensamento é totalmente possível, mas ela fracassa em fazer desabrochar sua própria essência — ela não é apenas sem sentido; ela não é totalmente viva. Homens que não pensam são como sonâmbulos” (ARENDDT, 1995, p. 143).

As *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo* (BRASIL, 2009) também corroboram, com outros termos, com essa concepção, pois no seu artigo 5º, propõem:

O concluinte do curso de Jornalismo deve estar apto para o desempenho profissional de jornalista, com formação acadêmica generalista, humanista, crítica, ética e reflexiva, capacitando-o, dessa forma, a atuar como produtor intelectual e agente da cidadania, capaz de responder, por um lado, à complexidade e ao pluralismo característicos da sociedade e da cultura contemporâneas, e, por outro, possuir os fundamentos teóricos e técnicos especializados, o que lhe proporcionará clareza e segurança para o exercício de sua função social específica, de identidade profissional singular e diferenciada em relação ao campo maior da comunicação social (BRASIL, 2009)

Em outros termos, significa que para se exercer a profissão de Jornalista com excelência, portanto sem sonambulismo, demanda o ressoar do senso crítico, que traga consigo a ética a partir da reflexão. Características que também estão presentes nos itens “m” e “p” das Diretrizes. Nota-se, com isso, que a institucionalização da análise, do exame e do estudo faz parte do que se espera de um comunicador contemporâneo. Pois sem eles toda a argumentação é plantada no terreno infértil do saber, não dá frutos: é apenas o “falar pelo falar”, o “expor pelo expor”; nada de agregador para a sociedade. Informações que apenas procuram preencher as páginas de seus jornais, repercutir um fato, mas sem a devida preocupação de compartilhar a criticidade que se espera da notícia ou reportagem.

Como consequência, manifesta-se o enfado pelas informações, por conta da chamada *disfunção narcotizante*, termo proposto por Paul F. Lazarsfeld e Robert K. Merton, no artigo *Comunicação de Massa, Gosto Popular e Organizado Ação Social*, para definir a apatia social por parte de indivíduos praticamente “narcotizados” por um bombardeio de informações que favorecem a superficialidade e certo descompromisso em relação aos principais temas cotidianos.

É por essa razão que a “informação pela informação” é contrária ao escopo da atuação profissional dos jornalistas, pelo fato que praticamente refreia o discernimento prudente e analítico por parte de quem escreve e de quem interpreta o que foi escrito. Situação na qual tanto o emissor quanto o receptor acabam



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

enredados por uma consciência social permanente, cuja característica é o conhecimento passivo (frívolo) em detrimento do reflexivo (que gera pensamentos e ações práticas). Contexto que origina o saber destituído de sabedoria, a notícia que não noticia, a reportagem que nada reporta e a indiferença como marca desse fenômeno.

3. O jornalismo no universo das imagens técnicas

Com a finalidade de aprofundarmos a temática tratada recorremos à obra do filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser, especialmente aos textos que relacionam a teoria da comunicação com as então denominadas, na década de 80 do século XX, novas tecnologias de informação. Dentro daquilo que concerne a esta pesquisa, observamos que Silvia Wagnermaier e Siegfried Zielinski deram o título de “Comunicologia” (FLUSSER, 2014), do alemão *Kommunikologie*, ao livro que reúne as conferências que Vilém Flusser ministrou em 1991, na fase mais madura de sua produção filosófica, na Universidade de Bochum (Alemanha), poucos meses antes de seu falecimento.

Nestas conferências o filósofo trata dos códigos da comunicação que permitem o processamento, armazenagem e a divulgação da informação existente (HANKE, 2004), bem como a nova informação divulgada através dos códigos dos diferentes “media” (meios de comunicação ou “mídias”).

Nas conferências o filósofo identificou duas revoluções industriais ocorridas na história: a primeira que no universo das fábricas transformou o trabalho e a segunda que a partir da fotografia e da telegrafia ressignificou a comunicação. A proliferação das imagens e a “tendência atual da sociedade moderna de apresentar cada vez mais informação em imagens audiovisuais em vez de textos” (Manovich, 2001, p. 78), foi prevista por Flusser, visto que nos seus escritos figurava a reflexão sobre a crescente hegemonia das imagens técnicas nos meios de comunicação.

Mas cabe o questionamento: como essa concepção se correlaciona com a Filosofia e sua necessária incorporação no Ensino Superior? E como a disciplina nos possibilita entender a comunicação e, mais especificamente, o funcionamento do Jornalismo na atualidade?

Para responder a essas perguntas, retomamos os argumentos de Flusser na obra *Filosofia da Caixa Preta*, publicada na Alemanha em 1983 e no Brasil em 1985 (FLUSSER, 2018).



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

Neste livro o filósofo compreende a “imagem” como superfície que pretende representar algo e distingue duas categorias: a imagem tradicional e a técnica. A imagem tradicional é a que abarca a assimilação visual das perspectivas do mundo, a que permite ao homem compreender o seu entorno. Porém, no decorrer da história, houve o distanciamento do que é tangível, do que pode ser tocado com as mãos. O que era considerado concreto passa para o plano da imaginação, para o plano do saber abstrato conforme a chamada “escalada da abstração”, termo usado por Flusser para indicar a subtração ou redução de dimensões desde o tridimensional até o nulodimensional.

Nessa perspectiva abstrata, prevalece o pensar e o atuar simbólico permeado pelas imagens. O autor observa que na segunda etapa da abstração a visão procura abstrair a complexidade da existência tridimensional. Na terceira etapa, em decorrência do desenvolvimento da cultura, surge a escrita, que procura narrar às vivências e as vicissitudes do indivíduo na Terra. Destarte, as imagens e a escrita nos possibilitam a conceituação dos fenômenos com os quais convivemos.

A redução de dimensões, na percepção flusseriana, continua, até o surgimento das imagens técnicas no contexto do meio técnico-científico-informacional no qual vivemos. Elas são produzidas e reproduzidas através de aparelhos eletrônicos, por meio dos pixels da máquina fotográfica, do cinema, da revista digital, do *layout* de um jornal, por exemplo. E, diferentemente das imagens tradicionais, que anseiam conceituar o cosmos, as imagens técnicas têm o caráter de fazer “emancipar a sociedade da necessidade de pensar conceitualmente” (FLUSSER, 2002, p. 11).

E aqui chegamos à questão central de nossa pesquisa a respeito do ensino da Filosofia no curso de Jornalismo. Porque é precisamente com a ocorrência desse fenômeno — emancipação da necessidade de pensar conceitualmente — que os homens reduziram a atenção do pensamento marcado pela linearidade da argumentação dos textos escritos em linhas, como os conhecimentos filosóficos, históricos, geográficos, linguísticos, biológicos e matemáticos. Todas essas estruturas do saber acabaram perdendo, gradativamente, notoriedade e confiabilidade no *zeitgeist* presente. E as imagens técnicas, por fazerem pouca ou nenhuma verossimilhança com o factual, criaram a própria “realidade”, que nutre os interesses dos seus receptores e torna os significados de suas superfícies mais notórios do que os ambientes que pretendem representar. Condição que permite serem paulatinamente carregadas de “informações” pelos seus criadores, tendo cada vez mais conteúdos para serem apreendidos.



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

Contudo, nem sempre elas são interpretadas ao ponto de produzirem referências para seus destinatários. Por isso, poucas acabam informando e gerando comunicação com reflexão. Somado a isso, há ainda o fato de os homens crerem nas imagens técnicas da mesma forma que creem nos seus próprios olhos, isto é, acreditarem que elas são, verdadeiramente, espelhos da realidade, quando na verdade é apenas parte dela; e às vezes nem a isso chegam, pois foram manipuladas digitalmente.

Dessa forma, elas precisam ser compreendidas na expressão “nulodimensional pixelizada”. Esta subtração de dimensões — *escalada da abstração* — pode limitar o treino para o raciocínio argumentativo e facilitar a possibilidade dos seres humanos sucumbirem aos imperativos devoradores das imagens. Como dissertado, o processo vai se estabelecendo no modelo que Flusser utilizou para nomear os processos de comunicação: a tridimensionalidade (o físico, o corpo), a bidimensionalidade (a imagem), depois a unidimensionalidade (a escrita) e, finalmente, a nulodimensionalidade (a digitalização, os pontos, os algoritmos).

Nesse último estágio ocorre o esfacelamento do sujeito, a conversão de sua materialidade em uma sequência lógica de programação, a de “zeros e uns”, um número qualquer de uma rede ou software que se utiliza; um ponto, uma estatística no universo, sem corpo e sem contemplação. E por optarmos por “comunicações infinitamente facilitadas”, como escreveu Marx no *Manifesto do Partido Comunista* (1948), acabamos caindo no terreno da nulodimensionalidade, tendo acesso às imagens técnicas por meio dos pixels das telas com as quais convivemos.

Assim, tornamo-nos “servos voluntários” de quem nos limita a cognição ao não oferecer outras narrativas, que podem ser mais trabalhosas, implicar mais tempo para serem processadas, mas que nos propõe independência na interpretação dos fenômenos. Pela comunicação atual seguir o modelo fácil, imediatista e que não admite atrasos, o Jornalismo perde, muitas vezes, o seu caráter informativo, passando a atuar como uma verdadeira “linha de produção” — *à la Tempos Modernos* de Charlie Chaplin —, dos acontecimentos do cotidiano; sem parar e sem analisar o que se está difundindo. Os jornalistas não apertam parafusos, todavia escrevem ininterruptamente para atender os requisitos de um modelo de trabalho marcado pela constante alimentação das telas em busca de atenção do público.

Os profissionais acabam se tornando parte das plataformas que divulgam informações, nem sempre bem apuradas, em busca de audiência; funcionários de um programa, quando deveriam ser livres em relação aos aparatos técnicos que utilizam. São, muitas vezes, submetidos a uma lógica que valoriza o domínio



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

técnico dos programas informatizados em detrimento da qualidade dos conteúdos das narrativas jornalísticas. Assim, jornalistas e públicos, com dificuldades em assumir a postura de decifreadores das imagens técnicas, acabam se tornando funcionários a serviço das imagens técnicas. Flusser já levantou essa questão crítica quando utilizou o exemplo do aparelho fotográfico para se referir aos aparelhos que surgiram depois:

A fotografia é, pois, mensagem que articula ambas as intenções codificadoras. Enquanto não existir crítica fotográfica que revele essa ambiguidade do código fotográfico, a intenção do aparelho prevalecerá sobre a intenção humana (FLUSSER, 1985, p.25).

A quem beneficia esta prática de produção textual em larga escala? Enriquecem os acionistas das grandes companhias que contratam funcionários com habilidades técnicas para a todo instante dar o famigerado “furo jornalístico” — que nada mais é do que apertar um parafuso mais rapidamente. Nesse contexto um veículo de comunicação se destaca por estar à frente de seus concorrentes, e isso, lembremos, proporciona credibilidade, audiência, e, na internet, as interações, os *likes*, compartilhamentos, muitos acessos que impactam diretamente no Google Analytics e no SEO da página; atende-se, portanto, às demandas de um antigo programa curiosamente chamado de “novo” mercado da comunicação.

4. O Jornalismo na pós-história

Feitas tais considerações, é mister citar um exemplo no Jornalismo brasileiro. O caso ocorreu na segunda-feira, 17 de fevereiro de 2020, quando no programa *Cidade Alerta*, da TV Record, o âncora Luiz Bacci estava ao vivo para dar continuidade à investigação do desaparecimento de uma mulher chamada Marcela, de 21 anos e grávida de quatro meses. Na data, o apresentador ligou para a mãe da jovem, chamada Andrea, para buscar novos detalhes sobre o caso.

O problema foi que Bacci, ao fazê-lo, permitiu que Andrea soubesse ao vivo do assassinato de sua filha pelo namorado. Anteriormente, o jornalista até pediu para que a mãe da vítima fosse “forte” com o que iria ouvir a partir do que o advogado do genro relataria. No entanto, dado o impacto da notícia, Andrea acabou desmaiando, tendo que ser carregada pela produção da Record. Durante a reportagem o advogado de nome Alan informou que o namorado Carlos confessou o crime e ainda mostrou onde havia deixado o corpo de Marcela.

Ou seja, pela busca por espectadores e pelo tal “furo”, o programa acabou espetacularizando a tragédia da morte e do feminicídio. Insultando não somente a dor da perda de um familiar, de uma filha, mas também



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

a Constituição Federal Brasileira de 1998. Ela, no artigo 5º, inciso X, prevê que “são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação”.

Além disso, a Carta Magna veda a transmissão de conteúdos que atentem contra os direitos humanos e fazem apologia à violência. No seu Art. 221 é descrito que a programação das emissoras deve privilegiar “as finalidades educativas, culturais, informativas e artísticas”, bem como “os valores éticos e sociais da pessoa e da família”.

Nessa transmissão também foi possível perceber a falta das tais “sensibilidades filosóficas” — conceituadas anteriormente no pensamento de Lorieri —, do apresentador. É claro que esse foi apenas um dos inúmeros casos que ultrajam a essência do bom Jornalismo, entretanto, também é claro que enquanto não houver a preocupação dos comunicadores em serem críticos do presente, com o mínimo de razoabilidade argumentativa, veremos repercutir incessantemente essas manifestações.

Nesse contexto, entendemos que as reportagens poderão melhorar na medida em que os jornalistas aperfeiçoem a contínua formação filosófica. A filósofa Zita Rodrigues, no artigo *O ensino da Filosofia no Brasil no contexto das políticas educacionais contemporâneas em suas determinações legais e paradigmáticas*, indicou como a formação filosófica gera transformações:

[...] Quanto ao valor formador da Filosofia, dever-se-á valorizar o fato de que esta desenvolve capacidade de leitura, de análise, de crítica, de abstração; induz ao sentido do questionamento e da problematização sobre as realidades em estudo e desenvolve técnicas de argumentação e elaboração de raciocínio; abre para interrogações conceituais e para reflexões racionais; instaura certa distância crítica e convida ao retorno reflexivo sobre si e sobre as condições de possibilidade do pensamento e que é tarefa elucidativa de nossa relação com o mundo (RODRIGUES, 2012).

Mundo esse “pós-histórico”, conforme a terminologia de Flusser, dominado pela onipresença das imagens efêmeras, velozes, que muitas vezes obstruem a introspecção de seus idealizadores e problematização do entorno.

É por isso que o jornalismo vem sofrendo do revés que anteriormente acometeu a fotografia. Como prognosticou Flusser no livro *Filosofia da Caixa Preta*: “Quanto mais houver gente fotografando, tanto mais difícil se tornará o deciframento de fotografias, já que todos acreditam saber fazê-las” (FLUSSER, 1985, p.31). É o que vemos no cenário jornalístico contemporâneo. Posto que muitos estudantes desta área entram e saem das faculdades, se formam, todos os anos, muitas vezes sem dar atenção a estas questões. O que faz necessário frisar que saber escrever uma reportagem implica o trabalho com informações críticas, apuradas,



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

sólidas e críveis. Do contrário, estaremos apenas apertando os botões para fotografar sem nenhuma nitidez, qualidade e enquadramento, dificultando o acesso do público à complexidade da imagem. Circunstância em que tanto o texto imagético quanto o escrito cai na irrelevância.

Agora para aprofundar o *status quo* da questão vamos ao encontro do que indica José Saramago no *Conto da Ilha Desconhecida* (1999): “É necessário sair da ilha para ver a ilha, não nos vemos se não saímos de nós”. Ou seja, é preciso sair dos recônditos do Jornalismo para poder reconhecê-lo, olhar as arestas desconhecidas; ou, em outras palavras, por que não redescobri-lo?

5. Considerações finais

Sabemos que em nome da aceitação do tecnicismo mercadológico muitas profissões foram impactadas com a simplificação do repertório cultural. Disciplinas foram extintas do currículo pedagógico de várias formações. E as que não tomaram o chá de cicuta, ficaram agonizando dentro das escolas e do Ensino Superior. Foi o caso da Filosofia, conforme diagnosticou a SEAF - Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas:

[...] a filosofia tornou-se completamente desconhecida pelas novas gerações e considerada como uma forma de conhecimento ultrapassada, antiga, irreal, sem ter nada a ver com o ensino ‘moderno’, atual, ‘pragmático’, ‘produtivo’ etc [...] (SEAF *apud* CARMINATI, 1978, p.12).

A era contemporânea, por estar marcada pela máxima da reprodutibilidade técnica das imagens, como discorreu Walter Benjamin, acaba minimizando a importância de uma disciplina que procura decodificar a realidade, os signos e os meios sociais. Disciplina esta que é intolerante com as amarras das banalidades comumente propagadas; ao contrário, a Filosofia procura compreendê-las para dessacralizar as narrativas. No entanto, ao não receber o devido reconhecimento, ser vista apenas como “mais uma” no complemento da grade curricular, por conta de ser sido impregnada com o estigma de retrógrada e incapaz de fazer verossimilhança com o presente (cada vez mais imagético), muitos alunos, por isso, acabam tratando-a com desprestígio.



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

Adversidade que não seria um problema caso se restringisse, exclusivamente, a subjetividade e ao interesse de cada um pela disciplina. No entanto, posteriormente, os ex-alunos atuarão no mercado de trabalho como jornalistas nem sempre treinados a usar o senso crítico. Mas como terão senso crítico sendo que, como coloca Marilena Chauí, muitos perderam, por conta do excessivo contato com o audiovisual, “a região expressiva da linguagem”, o que os legou “à dimensão binária e puramente indicativa/denotativa das palavras”? (CHAUÍ, 1978, p. 8).

A filósofa entende que num mundo marcado pelo excesso de imagem os estudantes podem ficar com o pensamento paralisado. Os mesmos muitas vezes podem abdicar consciente ou inconscientemente do que Immanuel Kant denominou *Aufklärung* (Esclarecimento). Terminologia que propõe ao homem deixar sua baixeza, sua insuficiência em ser independente, da qual ele próprio tem responsabilidade, para se tornar esclarecido (*aufgeklärt*). Contudo, de acordo com o filósofo prussiano, a preguiça e a covardia são as responsáveis por esse apequenamento.

É difícil, portanto, para um homem em particular desvencilhar-se da menoridade que para ele se tornou quase uma natureza. Chegou mesmo a criar amor a ela, sendo por ora realmente incapaz de utilizar seu próprio entendimento, porque nunca o deixaram fazer a tentativa de assim proceder (KANT, [1784] 1985, p. 100).

Nesse contexto entendemos que o cultivo da formação filosófica permite que alunos e jornalistas superem as atuais limitações das áreas em que participam. Entendemos que os jornalistas podem transitar de forma mais crítica entre os limites do excesso de imagens técnicas e os valores do pensamento marcado por argumentações e conceitos. Podem compreender, conforme propõe Antonio Pasquali, que: “Comunicação é um ato moral e um ato de relacionamento interpessoal, bem como um ato político e um ato de construção social” (PASQUALI, 2005, p. 22).

Por fim, vale salientar, ainda, que o Jornalismo é — e exerce — papel fundamental na formação da opinião pública. E é por isso que a sociedade precisa ser nutrida por informações que tragam vigor cognitivo, para que o raciocínio não esmoreça e dê azo às aparições de *fake news*, de *fake opinion* e também do fenômeno da *pós-verdade*.

Em síntese, tanto o Jornalismo quanto a Filosofia precisam atuar juntos, para que se atinjam os mais altos padrões informacionais, com a entrega de resultados profícuos, apesar dos diversos contratemplos. Necessitam de interligação para construir, manterem e auxiliarem no funcionamento do Estado democrático de direito. Demandam convergência para que se busque, a toda hora, a compreensão crítica dos



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

acontecimentos. Requerem consonância no intuito de promoverem a formação de cidadãos autênticos e racionais. Posto que desconsiderar essa complementação é limitar os cidadãos à miséria do desconhecimento. É ceifar a *episteme* e enobrecer a *doxa*. *Sapere Aude!*

Referências

- ARENDDT, Hannah. **A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Jornalismo**. Brasília: Ministério da Educação, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- CHAUÍ, M. **Em defesa da educação pública, gratuita e democrática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- CARMINATI, Celso João. (Des) Razões da retirada da Filosofia do Ensino Médio no Brasil. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 5, n. 2, 2004. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1225/1038>>. Acesso em: 24 jul. 2020.
- DE LA BOÉTIE, E. **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- FLUSSER, Vilém. **Comunicologia: reflexões sobre o futuro**. Ed. S. Wagnermaier e S. Zielinski. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas. Elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**. Ensaios para uma filosofia da fotografia. São Paulo: É Realizações, 2018.
- HANKE, Michael. A Comunicologia segundo Vilém Flusser. **Galáxia**, São Paulo, n. 4, p. 59-72, 2004. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/1371>>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”? In: KANT, Immanuel. **Textos Seletos**. Petrópolis: Vozes, 1985. Disponível em: <<https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2014/03/kant-textos-seletos-bilingue.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2020.



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

LAZARFELD, Paul.; MERTON, Robert. Comunicação de Massa, Gosto Popular e Ação Social Organizada. In: COHN, Gabriel (Org.). **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

LORIERI, Marcos Antônio. Filosofia e formação no ensino superior. **Revista Páginas de Filosofia**, São Bernardo, v.2, n.1, p. 47-60, jan/jun 2010.

MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. Cambridge: MIT Press, 2001.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

MENEZES, José Eugenio de O. Dinâmicas que atravessam os estudos da Comunicação. In: MENEZES, J.E.O. **Cultura do Ouvir e Ecologia da Comunicação**. São Paulo: Plêiade, 2016, p. 81-95. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/mestrado/livros-mestrado/>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

PASQUALI, Antonio. Um breve glossário descritivo sobre a comunicação e informação. In: MELO, José Marques de; SATHLER, Luciano (Org.). **Direitos à comunicação na sociedade da informação**. São Bernardo do Campo: UESP, 2005.

PLATÃO. **República**. Tradução Maria Helena Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida**. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

SEVERINO, A. J. A filosofia na formação do jovem e a resignificação de sua experiência existencial. In: KOHAN, W. **Ensino de filosofia: perspectivas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p. 183-194.